

# **CONTAGEM REGRESSIVA: BIN LADEN**

A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS  
247 DIAS DE CAÇADA AO  
IDEALIZADOR DO 11 DE SETEMBRO

**CHRIS WALLACE**

COM MITCH WEISS



**ALTA BOOKS**

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2023

# **CONTAGEM REGRESSIVA: 247 DIAS**

27 de agosto de 2010  
Langley, Virgínia

Leon Panetta ficou sem palavras. Era quase perfeito demais. Um oficial de operações do alto escalão da Agência Central de Inteligência acabara de lhe contar sobre uma “fortaleza”, uma casa de três andares no final de uma rua sem saída em um bairro luxuoso em Abbottabad, Paquistão. Panetta conteve uma onda de esperança e entusiasmo. Ele não queria compartilhar seu otimismo com mais ninguém na sala. Nem um sorriso. Nem um cumprimento. Ainda não.

Como diretor da CIA, uma das principais funções de Panetta era proteger os Estados Unidos de ataques terroristas estrangeiros. Isso significava supervisionar equipes de operadores, analistas e agentes trabalhando em diferentes partes do mundo, muitos deles em locais perigosos no Oriente Médio, no Sul da Ásia e na África. Todas as informações que chegavam à mesa de Panetta tinham que ser cuidadosamente verificadas antes que ele as passasse para seu chefe, o presidente Barack Obama. Mas era difícil não ficar entusiasmado com aquela pista. Afinal, a casa poderia ser o esconderijo do terrorista mais perigoso do mundo, um homem que praticamente desaparecera da face da terra: Osama bin Laden.

Panetta respirou fundo. Enquanto trabalhava para controlar as emoções, ele percebeu que muita coisa havia mudado rapidamente. Apenas meia hora antes, ele estava encerrando uma reunião de rotina. Todas as segundas, quartas e sextas-feiras, cerca de trinta analistas de

inteligência, especialistas e agentes do Centro de Combate ao Terrorismo entravam em uma sala de conferências no mesmo corredor do escritório de Panetta, na sede da CIA, em Langley, Virgínia.

As reuniões começavam às 16h30 em ponto e duravam mais de noventa minutos. A equipe atualizava Panetta sobre as complicações no Oriente Médio, problemas que poderiam ameaçar a segurança dos Estados Unidos e seus aliados. Eles costumavam pular de um assunto para outro — e a reunião daquele dia não foi diferente. Eles mencionaram novos acontecimentos nas nações devastadas pela guerra do Iraque e do Afeganistão. Falaram sobre o perigoso papel que a notória organização terrorista Al-Qaeda ainda desempenhava em ambos os países.

Talvez por já ser tarde em uma sexta-feira dos últimos dias de verão, aquela reunião parecia durar uma eternidade. Então, quando terminou, os analistas, operadores e especialistas levantaram-se para sair da sala. Mas, enquanto pegavam suas pastas e documentos, três homens se aproximaram de Panetta, de Michael Morell, vice-diretor da CIA, e de Jeremy Bash, chefe de gabinete da agência de inteligência.

“Precisamos conversar a sós”, disse-lhes Mike, diretor do Centro de Combate ao Terrorismo. Era uma atitude inusitada.

Pela frase e pelo tom de Mike, Panetta sentiu que havia algo errado. Geralmente, após uma reunião, as conversas eram iniciadas informalmente. Mas Mike e dois colegas respeitados — Gary, o chefe do Departamento Paquistão-Afeganistão (PAD), e Sam, o principal especialista em Al-Qaeda da agência — não aparentavam informalidade. Panetta percebeu pela expressão em seus rostos. Se *eles* solicitaram uma reunião privada, o assunto era importante.

“Vamos ao meu escritório”, sugeriu Panetta.

O grupo o seguiu até o corredor. Após alguns passos, eles chegaram a uma das portas do escritório. Panetta a abriu, revelando uma sala maior, com revestimento de madeira escura e uma janela ampla, que se estendia pela parede do fundo, permitindo a entrada de luz natural. Do lado de fora, era possível avistar a floresta da Virgínia.

A mesa de Panetta estava encostada em uma das paredes. Acima dela, em uma moldura, havia uma velha bandeira norte-americana,

pendurada ali por seu antecessor. A bandeira pertencia ao World Trade Center. Para Panetta, era como um lembrete diário do 11 de Setembro, das vítimas e da caçada a bin Laden. No lado oposto da sala, havia uma mesa de conferência, algumas cadeiras e uma televisão na parede. Era onde Panetta costumava fazer reuniões com dignitários e convidados estrangeiros. Mas, naquela tarde, ele faria uma reunião improvisada com os colegas.

Panetta sentou-se na ponta da mesa de conferência, enquanto Morell pegou sua cadeira habitual e se sentou do outro lado. Quando todos se acomodaram, os três homens não perderam tempo. Eles revelaram detalhes sobre um mensageiro que acreditavam ter laços estreitos com a Al-Qaeda.

“Encontramos esse cara chamado Abu Ahmed al-Kuwaiti”, afirmou Mike.

Panetta deu de ombros, pois nunca tinha ouvido falar dele. Ao fitar Morell e Bash, percebeu que eles também não sabiam quem era. Então Mike, o agente Gary e o analista Sam se revezaram para falar sobre al-Kuwaiti — a nova pista que levou quase uma década para ser descoberta.

A busca começou logo após 11 de setembro de 2001 — o dia em que dezenove homens sequestraram quatro aviões e realizaram o pior ataque terrorista da história norte-americana. Os terroristas pilotaram dois dos aviões até as Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova York. O terceiro avião atingiu o Pentágono, nos arredores de Washington, D.C. E o quarto avião caiu em um campo em Shanksville, Pensilvânia. Ao todo, quase 3 mil pessoas foram mortas, incluindo as 2.606 que estavam no desabamento das Torres Gêmeas.

Os Estados Unidos logo rastream os ataques, atribuindo-os à Al-Qaeda, o grupo terrorista fundado por Osama bin Laden, um revolucionário islâmico barbudo, taciturno e armado que havia estabelecido campos de treinamento no Afeganistão, uma nação controlada por extremistas religiosos conhecidos como talibãs.

Horas após o desabamento das torres, o presidente George W. Bush fez um discurso televisionado e prometeu que os Estados Unidos

atacariam a Al-Qaeda. Menos de um mês depois, uma coalizão liderada pelos EUA iniciou a Operação Liberdade Duradoura, uma ofensiva militar destinada a matar bin Laden e seus seguidores terroristas e derrubar o governo talibã, que apoiava e protegia a Al-Qaeda há anos.



Osama bin Laden, imagem estática de um vídeo de propaganda.

Com as forças da coalizão em campo, bin Laden e seus aliados fugiram para Tora Bora, uma remota área montanhosa no leste do Afeganistão, perto da fronteira com o Paquistão. As Forças Especiais dos EUA acreditavam que ele estava escondido em uma caverna e, após um confronto de cinco dias, ocuparam a região em dezembro de 2001. Mas, quando a poeira abaixou, bin Laden tinha escapado. Ele havia desaparecido.

Por nove anos, o líder da Al-Qaeda permaneceu uma figura elusiva, sempre fora do alcance de seus perseguidores. Ele estava no leste do Afeganistão? Talvez no Paquistão, planejando novos ataques? Ou na Arábia Saudita, onde nasceu? Ninguém sabia ao certo.

Mas, então, os EUA conseguiram uma pista de uma fonte improvável, explicou Gary.

Desde a invasão do Afeganistão, prisioneiros da Al-Qaeda eram interrogados na prisão da Marinha dos EUA na Baía de Guantánamo, em Cuba, e nas prisões secretas da CIA. Às vezes, para obter informações,

eram usadas técnicas de interrogatório que muitos críticos chamavam de tortura, como afogamento simulado. Os interrogadores costumavam perguntar aos prisioneiros sobre os membros da Al-Qaeda que serviam como mensageiros.

Gary disse que os analistas acreditavam que bin Laden era esperto demais para deixar os comandantes da Al-Qaeda saberem onde era seu esconderijo. Então, se ele quisesse enviar mensagens, alguém tinha que transmiti-las — uma pessoa extremamente confiável.

Durante os interrogatórios, um nome continuava surgindo: Abu Ahmed al-Kuwaiti. Alguns prisioneiros afirmavam que ele era um mensageiro importante, que tinha laços estreitos com bin Laden. Mas outros minimizavam a sua importância.

Khalid Sheikh Mohammed (KSM), o arquiteto dos ataques do 11 de Setembro, foi submetido ao afogamento simulado 183 vezes. Os interrogadores certificavam-se de que ele estava em um “estado de submissão” antes de perguntar sobre al-Kuwaiti. KSM declarou que o conhecia, mas negou que al-Kuwaiti era um mensageiro, acrescentando que ele havia deixado a Al-Qaeda após o 11 de Setembro.

Mas KSM não sabia que a prisão estava grampeada. Então, quando ele voltou para a cela, os interrogadores o ouviram alertar os outros prisioneiros: não mencionem “o mensageiro”. Outro proeminente membro da Al-Qaeda disse que não conhecia al-Kuwaiti e se dispôs a divulgar o nome de um mensageiro que, segundo ele, trabalhava para bin Laden. Mais tarde, os interrogadores concluíram que o nome era fictício. Gary disse que a desinformação apenas reforçou a crença de que al-Kuwaiti era importante para a organização terrorista. Caso contrário, por que seus membros o protegeriam?

Na opinião de Gary, se a CIA localizasse o homem conhecido como al-Kuwaiti, ele poderia revelar o paradeiro de bin Laden.

Gary olhou para Panetta, Morell e Bash, concluindo que eles estavam atentos a cada palavra. Ele explicou que em 2007, após anos de minuciosa investigação, a CIA descobriu o verdadeiro nome de al-Kuwaiti: Ibrahim Saeed Ahmed. Nascido no Kuwait e com cidadania paquistanesa, ele havia assumido seu nome de guerra ao se juntar à Al-Qaeda.

Com o verdadeiro sobrenome de al-Kuwaiti, os agentes da CIA foram capazes de rastrear pessoas próximas a ele no Paquistão e em outros países e interceptar seus telefonemas e e-mails. Eles procuraram qualquer informação, qualquer pista que pudesse levá-los a al-Kuwaiti.

Mas Gary explicou que todas as pistas foram inúteis — pelo menos até junho de 2010, apenas dois meses atrás, quando eles interceptaram um telefonema entre al-Kuwaiti e outro terrorista suspeito sob vigilância norte-americana. A partir desse telefonema, a CIA conseguiu o número do celular de Al-Kuwaiti e rastreou a ligação até Peshawar, uma grande cidade no oeste do Paquistão.

Embora tivesse seu número e monitorasse seus telefonemas, a CIA ainda não sabia onde al-Kuwaiti morava. Ele era astuto e rigorosamente cauteloso. Depois de ter feito um telefonema de Peshawar, ele desligou o celular e removeu a bateria para não ser rastreado.

No entendimento da CIA, al-Kuwaiti não morava em Peshawar. Mas, se fosse possível encontrá-lo em uma cidade de 2 milhões de pessoas, eles descobririam uma forma de segui-lo até sua casa. E foi o que aconteceu.

Em agosto, ao rastrear o sinal de seu celular, os agentes da CIA avistaram al-Kuwaiti dirigindo um Suzuki Jimny branco, um SUV compacto com a foto de um rinoceronte na capa do estepe traseiro. Mas, em vez de segui-lo, eles se posicionaram estrategicamente ao longo das estradas para Peshawar. Eles esperaram al-Kuwaiti passar; se não passasse, saberiam que ele havia optado por outro caminho. Então, na vez seguinte, haveria agentes nesses trajetos alternativos. Foi um processo lento e enfadonho, mas funcionou.

Por fim, os agentes o localizaram a 152km ao leste de Abbottabad, a sede de uma academia militar conhecida como a West Point do Paquistão. Com sua paisagem exuberante e sua proximidade com os Himalaias, a cidade era um popular resort de verão.

Com receio de que al-Kuwaiti os visse, os agentes não o seguiram até sua casa. Mas continuaram a monitorar seus telefonemas e logo descobriram que ele era muito reservado.

Durante uma ligação entre al-Kuwaiti e um velho amigo, outra peça do quebra-cabeça se encaixou. O amigo fez uma série de perguntas inofensivas: onde ele estava morando? Quais eram as novidades? Al-Kuwaiti deu respostas vagas. Quando o amigo perguntou sobre o trabalho, ele respondeu com relutância: “É o mesmo de antes.”

Houve uma pausa, como se o amigo já soubesse o que significavam as palavras de al-Kuwait. Ele ainda trabalhava para a Al-Qaeda.

“Que Allah esteja com você”, afirmou o amigo.

Nesse ponto, Gary disse que a vigilância da CIA decidiu avançar. Alguns dias depois, os agentes seguiram al-Kuwaiti até uma rua sem saída em um bairro luxuoso de Abbottabad. E lá estava — uma casa de três andares, com muros de quatro metros de altura na parte da frente e de seis metros de altura na parte de trás. A varanda do terceiro andar era cercada por paredes de dois metros. O perímetro era protegido por arame farpado. Era mais do que uma casa. “É uma fortaleza”, disse Gary.

Panetta aguçou os ouvidos. Após todos aqueles anos, eles haviam encontrado o *verdadeiro* esconderijo de bin Laden? Ele morava mesmo nos subúrbios? O diretor da CIA estava perplexo.

Panetta era uma figura excêntrica, com toda aquela emotividade e gesticulação típicas de um italiano. Quando achava algo engraçado, ele gargalhava. Ao encontrar os amigos, gostava de cumprimentá-los com um grande abraço. Panetta, figura importante no mundo de Washington, era um burocrata perspicaz e muito eficiente. Ele era a pessoa mais prestigiosa de Washington, D.C., com amigos em ambos os partidos. Ao longo dos anos, Panetta havia sido um congressista influente, chefe de gabinete do presidente Bill Clinton e agora diretor da CIA no governo do presidente Obama. Ele nunca foi alvo de escândalos. E, sendo um tanto impetuoso, jamais lhe faltavam palavras, especialmente palavões. Mas, naquele momento, ele não sabia o que dizer. Era algo totalmente inesperado.

Enquanto Panetta pensava nas possibilidades, Gary pegou imagens de satélite do complexo e entregou-lhes as cópias. Conforme analisavam as imagens, os oficiais lhes deram mais informações.



Al-Kuwaiti morava no complexo, que era muito maior do que as casas vizinhas. Era tão grande, isolado e seguro que achavam que ele abrigava um alvo de grande valor, mas não tinham certeza. Não era possível avistar o interior da casa. Os vidros das janelas eram opacos.

De todos os detalhes nas imagens, a varanda no terceiro andar, protegida por paredes, foi o que mais chamou a atenção de Panetta. Uma varanda deveria ser externa, proporcionando a vista da paisagem. Sobretudo em Abbottabad, chamada de Cidade dos Pinheiros por causa da abundância de árvores.



Imagem de satélite da CIA — complexo em Abbottabad, Paquistão.

“Quem constrói paredes em volta de uma varanda?”, questionou Panetta. Mas ele já sabia a resposta. Assim como Morell, seu vice-diretor, que, na maioria das vezes, sentava-se do outro lado da mesa de conferência para observar discretamente a reação da equipe aos comentários do diretor. A informação apresentada causou arrepios em Morell. Ninguém verbalizou o óbvio — o nome nunca foi mencionado. Mas todos pensaram a mesma coisa: as paredes foram erguidas para proteger alguém muito importante. Talvez alguém como bin Laden.

Panetta não queria se precipitar. Sim, era um complexo, mas e daí? Não significava que bin Laden morava lá. Poderia ser outro terrorista de

grande valor ou um líder criminoso. Será? Eles necessitavam de provas. O complexo ficava no Paquistão, uma nação soberana e, sendo assim, não podiam simplesmente bater na porta. Não, eles precisavam ter certeza antes de agir.

E havia algo mais. Apenas dois meses antes, Panetta havia sido pressionado na ABC News a respeito de bin Laden. O que os EUA estavam fazendo para encontrá-lo? Panetta explicou que a última vez que a CIA teve “informações precisas” foi “no início dos anos 2000”.

“Como é evidente, bin Laden tem se escondido muito bem. Ele está nas áreas tribais do Paquistão. Provavelmente, é a região mais complexa do mundo”, afirmou. “Acreditamos que, se mantivermos a pressão, ele aparecerá.”

Se bin Laden estava na fortaleza de Abbottabad, a CIA se equivocara desde o início, pensou Panetta. Ele não se renderia ao pessimismo. Havia essa nova pista, a melhor em muito tempo. E, por mais que quisesse alertar o presidente Obama, ele sabia que precisava esperar. Era necessário cavar mais fundo, olhar mais de perto.

“Precisamos saber mais, muito mais”, disse Panetta. “Isso requer uma investigação aprofundada. Quero que todos os caminhos possíveis para entrar no complexo sejam explorados.”

Mas Panetta sabia que seria mais fácil falar do que fazer.

## **CONTAGEM REGRESSIVA:**

# **236 DIAS**

7 de setembro de 2010  
Virginia Beach, Virgínia

Robert O'Neill riscou o último item de sua lista. Ele havia feito uma procuração, atualizando seu testamento e seguro de vida. Faltavam algumas semanas para sua missão no Afeganistão, mas ele sabia que nunca era cedo demais para cuidar desses assuntos.

O'Neill era detalhista em todos os aspectos de sua vida. Se fizesse as coisas do jeito certo e se esforçasse, poderia lidar com qualquer situação.

Até então, havia funcionado. Com 33 anos de idade, ele estava nas Forças de Operações Especiais da Marinha dos EUA há quinze anos, sendo um membro antigo da unidade de elite. Claro, ele não era tão jovem quanto os novatos que haviam acabado de completar o intenso treinamento dos SEALs, mas isso não importava. Ele ainda acompanhava o ritmo. Além disso, não aparentava a idade que tinha. E era durão.

O'Neill media 1,82m, pesava 90kg e tinha o peito largo e as pernas e braços fortes característicos da maioria dos SEALs, mas seus olhos azuis e cabelos loiros acobreados lhe conferiam um charme jovial. Ele era extrovertido, engraçado e carismático, um líder nato.

Essas características seriam úteis em sua próxima missão. Ele voltaria para o Afeganistão, dessa vez como um líder de equipe. Provavelmente passaria a maior parte do tempo em uma base em Jalalabad, monitorando missões em vez de caçar criminosos no meio da noite. Após anos

de operações arriscadas, talvez não fosse algo tão ruim. Mas O'Neill sabia que sentiria falta da ação.

Ele se recostou na cadeira e suspirou. Já era tarde. A esposa e as filhas dormiam no quarto ao lado. Ele havia chegado a um ponto em que se despedir delas se tornara rotina. Era o seu sétimo destacamento em cinco anos. Quando se alistou, em 1995, nunca tinha ouvido falar de bin Laden ou Al-Qaeda. Afeganistão? Não foi onde Sylvester Stallone lutou contra os bandidos em *Rambo III*?

O'Neill considerava-se um garoto simples de Butte, Montana, uma cidade mineradora à sombra das Montanhas Rochosas. Seus pais se divorciaram quando ele tinha seis anos. As quatro crianças passaram a viver com a mãe e desfrutaram de uma infância idílica, brincando ao ar livre com os amigos do bairro. Eles imitavam cenas de filmes de ação dos anos 1980, emboscando uns aos outros com armas de brinquedo, saltando de telhados como guerreiros ninjas que perseguiram vilões.

Seu pai, Tom, morava perto e passava o máximo de tempo possível com os filhos. A escola primária tinha uma cesta de basquete na parte externa, e Rob ficava lá por horas, fazendo arremessos e lances livres. O pai encorajava seu interesse pelo esporte. Durante a temporada de basquete, Tom buscava o filho na escola e o levava a um clube no centro de Butte, onde o ensinava a driblar, arremessar e passar. Eles treinavam bandejas e jogavam com outros membros, sempre finalizando com uma disputa de lances livres.

Ninguém podia sair da quadra até acertar uma sequência de arremessos. No começo, eram vinte. Fácil. Então eles aumentaram, até que Rob bateu um recorde de 105 lances livres seguidos. Depois do treino, pai e filho saíam para comer bifês. Posteriormente, o jovem Rob garantiu uma vaga no time de basquete do ensino médio.

Como muitos pais de Montana, Tom O'Neill também levava seu filho para caçar cervos e alces nas montanhas íngremes ao redor de Butte. Em uma viagem de caça em 1994, logo após o aniversário de dezoito anos de Rob, o pai o apresentou a Jim, um SEAL da Marinha que estava de licença.

Rob ficou impressionado com a confiança de Jim. Naquela semana, um amigo o levou até as montanhas, e ele passou três dias lá, rastreando cervos e alces para a temporada de caça. Ele havia encontrado um ótimo lugar, um “esconderijo”, disse, convidando Rob para conhecer o ponto de observação.

No dia seguinte, antes do amanhecer, eles dirigiram até as montanhas e estacionaram em uma área isolada, distante da estrada. “Agora vamos ter que caminhar”, declarou Jim. “É uma subida de quase 2km. Você acha que consegue?” Rob não hesitou.

Era uma subida íngreme, em meio à mata fechada. Rob teve que se esforçar muito. Seus pulmões queimavam, mas ele se recusava a desistir.

Ao atingir o pico, eles avistaram cerca de quarenta alces, mas não atiraram em nenhum. Rob tentava não ofegar.

“Foi uma subida e tanto”, afirmou Jim. “Você deveria se juntar aos SEALs, O’Neill.”

Rob sorriu, lisonjeado. Mas não estava pronto para se alistar. Ainda.

Ao se formar no ensino médio, Rob se matriculou na Universidade Tecnológica de Montana. Após alguns semestres, ele percebeu que queria algo mais, então seguiu o conselho de Jim e se alistou na Marinha dos EUA. Ele desejava se tornar um SEAL. Mas, antes que pudesse se qualificar para um teste com os operadores especiais da Marinha, precisava aprender a nadar. Até aquele momento, não havia sido uma necessidade. Ele passou a maior parte do tempo em terra. Não era como se vivesse perto de um oceano ou de um grande lago.

O’Neill solicitou o adiamento de incorporação, o que lhe deu seis meses para entrar em forma antes de se apresentar no campo de treinamento. Todas as manhãs, ele nadava na piscina da faculdade comunitária, enfrentando dificuldades até encontrar um amigo do ensino médio que havia ganhado uma bolsa de natação na Universidade de Notre Dame. O amigo o orientou e mostrou-lhe técnicas básicas.

O’Neill logo entrou em uma rotina. Ele nadava, então vestia calças esportivas e corria em volta da cidade. Em casa, exercitava-se em uma barra fixa instalada na porta. Para se motivar durante as repetições,

ouvia *Your Illusion*, do Guns N' Roses, no último volume. Ele sentia que estava mais forte. O pai tinha orgulho dele, e a mãe apoiava sua decisão.

Em uma noite fria de janeiro de 1996, toda a família se reuniu no aeroporto Bert Mooney, em Butte, a fim de vê-lo partir. Mas O'Neill se perguntava se sobreviveria ao treinamento dos SEALs. Ele estava muito ansioso quando chegou ao Comando de Treinamento de Recrutas da Base Naval Great Lakes, em Chicago.

Ele sabia todos os passos necessários para entrar e se formar no treinamento de Demolição Subaquática Básica/SEAL, ou BUD/S. Primeiro, O'Neill teve que fazer um difícil teste de aptidão física apenas para se qualificar, sendo um dos poucos recrutas de sua turma a atingir pontuação máxima. Então, ele iniciou o teste de 26 semanas dos SEALs. Nada poderia tê-lo preparado para o inferno físico e mental que se seguiu. As semanas passaram em um borrão de corrida, natação, calistenia, circuito de obstáculos, treinamento teórico e berros dos instrutores sempre que ele falhava.

Em certos momentos, O'Neill ficava tão abatido e cansado que sentia vontade de desistir. Mas algo lhe dizia para continuar, pois desistir estava fora de cogitação. Nem mesmo na Semana Infernal — um caos ininterrupto de 120 horas excruciantes, em que os instrutores levavam os recrutas ao limite, vinte horas por dia, sem poder dormir. Os instrutores gritavam ordens: fazer flexões na areia; correr; rastejar pelas dunas; pular de cabeça na água, totalmente vestido. E assim por diante. O'Neill delirava, sentia frio, cansaço, dores.

Mas, novamente, conseguiu. No final de 1996, O'Neill se formou no BUD/S como um agente de operações especiais, juntando-se ao SEAL Team 2, em Virginia Beach. Ele passou nos exames finais, prendeu a famosa insígnia dourada na lapela e foi enviado para o Kosovo.

Os SEALs não participavam de uma ação real desde a invasão do Panamá, em 1989. Mas isso mudaria em breve. A equipe de O'Neill estava na Alemanha. Certa tarde, enquanto assistia à CNN em um bar de soldados, ele viu um avião colidir com uma das torres do World Trade Center, em Nova York. Perplexos, todos ficaram em silêncio quando

outro avião atingiu a segunda torre. “Osama bin Laden”, disse alguém. “É a Al-Qaeda. Estamos sob ataque.”



Rob O'Neill.

O'Neill sentiu sua vida mudar em instantes — terrorismo em solo norte-americano. Ele estava ansioso para entrar na luta. Rezou pela chance de encontrar bin Laden e levá-lo à justiça. Passariam anos até que ele se juntasse à batalha. Mas, ao longo do caminho, tomou providências para garantir que estaria no meio da ação.

Após a Alemanha, O'Neill foi enviado para o Mediterrâneo, onde nada acontecia. Ele se candidatou ao United States Naval Special Warfare Development Group (DEVGRU) — mais conhecido como SEAL Team 6, a unidade de elite que participava das missões mais difíceis e perigosas.

Quando retornou à Virgínia em 2004, O'Neill foi chamado para o Green Team, a seleção e o treinamento de nove meses para integrar o SEAL Team 6. Ele sabia que, se passasse pelo treinamento, seria convocado por um dos seis esquadrões da equipe.

Todos os candidatos eram SEALs experientes. Os instrutores sabiam que o aspecto físico estava garantido. Portanto, parte do treinamento se concentrava na “aptidão psicológica” — a capacidade de reagir em situações extremas, sob as condições mais severas possíveis. Eles queriam descobrir se os candidatos conseguiriam se virar sozinhos, presos atrás das linhas inimigas, sendo perseguidos por insurgentes armados. O'Neill também aprendeu técnicas complexas e perigosas de paraquedismo, treinou para combates a curta distância e praticou a entrada em edifícios ocupados por inimigos armados e hostis, muitas vezes dificultada pela presença de civis desarmados. O'Neill prosperou e, após nove meses, foi aprovado. Ele seria enviado para o Iraque ou, talvez, Afeganistão.

Enquanto O'Neill aguardava a convocação, Kelley, sua irmã mais nova, telefonou para pedir conselhos. Ela havia terminado um relacionamento ruim e queria recomeçar em algum lugar longe de Butte. O'Neill tirou alguns dias de folga, voou para Montana, consertou o carro de sua irmã e, 36 horas depois, eles estavam de volta a Virginia Beach.

Kelley se mudou para a casa do irmão e encontrou trabalho em um bar esportivo local. Quando foi ao bar, O'Neill conheceu uma garçonete loira chamada Amber. Eles se casaram um ano e meio depois, pouco antes de ele ser enviado para o Afeganistão em abril de 2005. Foi a primeira missão de O'Neill em uma zona de guerra, mas não seria a última. Em conflito com duas nações, os EUA estavam com poucas tropas, então, assim que terminava uma missão, O'Neill era designado para outra.